

## Justificativa

Esse projeto é um produto da pesquisa realizada no Programa de Mestrado em Ensino na Educação Básica, do Centro de Ensino e Pesquisas Aplicada à Educação - CEPAE/UEG, entre os anos de 2014 e 2016, orientado pela professora Dra. Maria de Fátima Cruvinel. O objetivo é levar aos professores do ensino básico reflexões e discussões acerca da relação literatura infantil e identidade negra, buscando trilhar caminhos para uma educação democrática e antirracista.

O interesse deste projeto tem origem em minhas inquietações, pessoais e profissionais, frente ao constrangimento de crianças negras de diversas faixas etárias que, em momentos de interação, de forma direta ou indireta, tiveram ressaltada a cor de sua pele ou outros de seus atributos. Essa situação chama a atenção para os conflitos que permeiam as relações étnico-raciais no contexto escolar e se estruturam, na maioria das vezes, sob o "silêncio" de mediações baseadas em visões e formações ingênuas, concretizadas em práticas que homogeneizam as diferenças e reproduzem o racismo.

Estudos têm mostrado que o acesso de alunos negros à escola, e sua permanência nela, apresentam um percurso acidentado principalmente pela evasão escolar, que o índice de reprovação nas instituições públicas demonstram um estreito vínculo entre educação escolar e desigualdades raciais na sociedade brasileira, e que professores naturalizam os conflitos étnico-raciais na escola usando discursos e intervenções de senso comum. Essa realidade, na qual a criança negra se constrange com seus atributos físicos, faz eclodir uma gama de conflitos que rondam o vínculo entre escola e relações étnico-raciais. Gomes (2001) salienta que, dada a diversidade cultural e racial no Brasil, é inaceitável desconsiderar as diferenças étnico-raciais nas condições de vida e história do brasileiro, e

que a educação, como um direito social, deve garantir espaço à diferença, de maneira que é preciso enfrentar o desafio de implementar políticas públicas e práticas pedagógicas que superem as desigualdades sociais e raciais. A autora afirma que é um equívoco pensar que a luta pelo acesso à escola é suficiente para uma educação democrática, uma educação com igualdade de tratamentos a todos, e que é preciso cuidar para não incorreremos no erro da homogeneização em detrimento do reconhecimento das diferenças.

Para que a criança negra não seja negligenciada na escola é preciso que o professor saia do lugar comum de formatar o aluno sob um olhar eurocêntrico, reconhecendo suas diferenças. Portanto, ao contrário do discurso enredado pelo senso comum, uma criança negra não nega sua cor, seu cabelo ou outros traços étnico-raciais, porque tenha nascido racista. Para Bakhtin (2003, p. 289), o ser se constitui na alteridade - reflete e refrata o outro -, de tal maneira que, no processo de comunicação, a enunciação de um sujeito carrega os ecos de enunciações alheias. Assim, a construção da subjetividade não se dá na consciência, de forma isolada e univocal, mas se consolida socialmente, trazendo as marcas dos enunciados dos outros.

A pesquisadora Cavalleiro (2010) afirma que o olhar sobre o mundo e sobre si, de cada indivíduo, é construído a partir das relações sociais que estabelece com seus pares e dos referenciais com que se depara. Dentre as referências das crianças, além daquelas expressas na interação direta com seus pares (permeadas por situações de discriminação), há os brinquedos, os programas televisivos, como os desenhos animados, as histórias infantis, entre outras práticas cotidianas. Infelizmente, os referenciais para as crianças negras têm sido marcados por um discurso eurocêntrico: os heróis, as fadas, os príncipes e princesas, que no universo infantil sempre foram os referenciais da beleza e da bondade, são brancos. Apesar de essa questão já ser problematizada há algum tempo, ainda se pode questionar sobre a

representação e a identidade negra. Onde estão as princesas negras? Onde estão os personagens negros? Onde estão as bonecas negras? Onde estão os heróis negros? Essas ainda são perguntas a serem postas frente à necessidade de, efetivamente, ressignificar a construção da identidade do negro, começando pela identidade da criança negra e, certamente, passando pela problematização do racismo na escola.

Esses apontamentos fazem emergir as relações de poder que têm sustentado os discursos em torno do negro. sua identidade e sua visibilidade nos espaços sociais. Tomando a explicação de Gomes (2005, pp.39-40), o termo negro se refere às pessoas classificadas como pretas ou pardas nos censos demográficos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Santos (2002) explica que, essa palavra se justifica se agregarmos pretos e pardos para formarmos tecnicamente o grupo racial negro, visto que a situação destes dois grupos raciais é, de um lado, bem semelhante, e, de outro, bem desigual, quando comparada à situação do grupo racial branco. Assim, diante da semelhante estatística entre pretos e pardos em termos de obtenção de direitos legais e legítimos, é razoável agregar esses dois grupos raciais numa mesma categoria, a de negros. Segundo a autora, a diferença entre pretos e pardos no que diz respeito à obtenção de vantagens sociais e outros bens e benefícios (ou mesmo de exclusão de direitos legais e legítimos) é tão insignificante estatisticamente que podemos agregá-los numa única categoria, a de negros, uma vez que o racismo no Brasil não faz distinção significativa entre pretos e pardos, como se imagina no senso comum.

Discutir sobre a identidade negra exige que se fale sobre relações de poder, lutas por espaços de representação e inclusão, conflitos demarcados pelo preconceito e discriminação, lutas e resistências da população negra. O fato de algumas crianças negras sentirem constrangidas com seus atributos étnico-raciais suscita mais do que os anseios frente à necessidade de sentir-se aceita numa sociedade racista de referências europeias; aponta

diretamente para a necessidade de se elucidar qual é o papel da escola diante dos conflitos étnico-raciais. Esse problema mostra que reconhecer a criança negra na escola não trata apenas de perceber as diferenças, mas visibilizá-las, reconhecê-las e valorizá-las.

Para isso, toma-se como foco a construção de referências positivas da criança negra na escola. Dentre os referências presentes na construção da identidade das crianças, elegemos a leitura literária como possibilidade de problematizar o racismo, mobilizando o papel estético, humanizador e transformador da literatura na formação humana. Essas importantes funções da literatura nos apontam para a seguinte questão: a literatura, ao cumprir sua função estética e humanizadora, pode mobilizar o processo de reconhecimento e valorização do sujeito negro, uma vez que põe em evidência os conflitos étnico-raciais e possibilita a ressignificação da subjetividade da criança negra.

Para abordar a relação entre identidade negra, escola e literatura, é imprescindível problematizar a centralidade das relações sociais e a compreensão da linguagem como prática social. Por isso, foram convocadas para tecer essa discussão a concepção de linguagem de Bakhtin, ressaltando o conceito de dialogismo e o decorrente papel responsivo dos interlocutores do discurso; a concepção não essencialista de identidade de Silva (2000) e Hall (2000), para quem a identidade não é inata, ela se constrói na interação social, mediada pela linguagem; assim como a discussão sobre o estigma de Goffman (2009).

Segundo Bakhtin (2003), nosso discurso carrega os ecos do enunciado alheio, porque não somos falantes adâmicos. Assim, somos possuidores simultaneamente de um discurso pessoal e contextual, ou seja, possuidores de um discurso que concretamente não é apenas nosso, mas que abarca uma infinidade de vozes, ideias, ideologias e intenções dos outros interlocutores dessa dialogia.

Cavalleiro (2010) explicita que o sujeito constrói o seu eu na

identificação com os elementos significativos de seu grupo social, ou seja, é no contexto das interações sociais que as crianças se percebem como parte desse meio e como são identificadas pelos outros e, assim, vão construindo sua identidade. No caso das crianças negras, observa-se que a maioria delas são forçadas a construir sua identidade a partir da desvalorização de suas características físicas e culturais. Sabendo-se disso, é preciso apontar caminhos para a resignificação dessas relações e, conseqüentemente, para a construção da identidade da criança negra na escola. Para tanto foram elencados aqui dois atores fundamentais para essa ruptura, a escola e a literatura.

Santos (2001) considera que a escola é um espaço privilegiado para a promoção da igualdade e eliminação de toda forma de discriminação e racismo, por possibilitar a convivência de diferentes origens étnicas, culturais, religiosas. Porém, para que ela cumpra seu papel, é preciso problematizar os conflitos suscitados nessa interação entre os diferentes e possibilitar a inclusão de outras vozes nas vivências promovidas pelo ambiente escolar, porque é "conhecendo o outro, que questiono meu modo de ser, coloco em discussão os meus valores, dialogo" (SANTOS, 2001, p.106). Na visão de Gomes (2001), a escola ainda está assentada numa ideologia racial com um ideal de branquidão, daí ser preciso colocar a questão da produção da identidade negra e do racismo em pauta, destacando a necessidade de romper com essas experiências pedagógicas cristalizadas sob uma monovisão cultural e étnica centrada no branco/europeu.

É fácil perceber na sociedade brasileira a falta de referências para a população negra nos meios sociais, culturais e veículos de comunicação, mas a preocupação maior é quando essa omissão parte de instituições educacionais com seu projeto político-pedagógico, suas ações, suas omissões frente a construção da identidade da criança negra e da naturalização dos conflitos raciais, porque "ao silenciar, a escola grita, inferioridade, desrespeito e desprezo" (CAVALLEIRO, 2010, p. 197) para as identidades não hegemônicas.

Pensando nisso, ao propor intervenções sobre a identidade negra, é importante reafirmar com Bakhtin (2003, p. 272) que "cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados", por isso é preciso apresentar novos enunciados que oportunizem a vez e a voz do sujeito negro. Para tanto, um dos primeiros desafios é a proposição de novos enredos e protagonismos para o cotidiano escolar, por meio da experiência estética literária, com seu papel formador e humanizador (CANDIDO, 1995), capaz de mobilizar o leitor em sua subjetividade.

Assim, o objetivo geral deste projeto se concentra na proposta da função humanizadora da literatura infantil com o intuito de problematizar permanentemente os conflitos étnico-raciais e a construção da identidade da criança negra na escola. Conforme Gomes (2001, p. 92), "Assim como tantos outros processos de identificação, o racial é constituído na relação de alteridade - nós e os outros - e em determinado contexto histórico, político e cultural". A lei 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" no currículo oficial da escola, é um dos passos importantes para uma democracia racial, porém ainda há muito silenciamento e naturalização dos conflitos raciais dentro e fora da escola.

O que esse projeto propõe é uma ação problematizadora dos conflitos raciais que se silenciam na escola e acobertam diretamente a construção da identidade da criança negra e a reprodução do racismo. Em razão do caráter humanizador da literatura, é que se propõe um projeto de leitura do gênero literário, com vistas a desenvolver uma prática capaz de pôr em evidência a identidade negra. Em primeiro lugar, porque a experiência estética nos remete diretamente à construção de subjetividades e reconstrução de visões, saberes e relações; em segundo lugar, porque hoje temos possibilidades de ter uma literatura que traz em seu projeto estético-ideológico a valorização do negro, possibilitando, assim, uma experiência estética para a problematização das relações étnico-raciais na escola e a construção da identidade da criança negra.

Esse projeto pensado como um documento para pesquisa e reflexão do professor está dividido em dois momentos: o primeiro apresenta o protagonismo negro em quatro obras da literatura infantil, trazendo algumas considerações sobre as mesmas; o segundo momento apresenta as ações que envolvem a prática da leitura literária na escola a partir de sequências didáticas.

## ◎ PROTAGONISMO NEGRO



CONSIDERAÇÕES SOBRE AS  
OBRAS

# 1. O CABELO DE LELÊ

O cabelo de Lelê é uma obra editada em 2007. A autora é Valéria Belém, natural do Rio de Janeiro, mas hoje residente em Goiânia. Já no título a autora apresenta o cabelo como foco da narrativa. A capa chama a atenção pela representação de um personagem negro com um volumoso cabelo, a olhar curiosamente para um livro em cuja capa figura a expressão países africanos. As cores de sua roupa nos remetem ao colorido dos trajes africanos. As ilustrações com a hiperbolização do cabelo da personagem Lelê, desde a capa, despertam a atenção para a centralidade do cabelo na construção da identidade da criança negra. A voz de um narrador onisciente permite ao leitor um envolvimento com os sentimentos que perpassam as dúvidas e descobertas da personagem. Lelê é uma menina inconformada com seu cabelo, mas é muito curiosa: "Lelê não gosta do que vê/ De onde vêm tantos cachinhos?" (BELÉM, 2007, p.5). Com o discurso indireto livre, o narrador sugere que a personagem busca saber a origem de seu cabelo crespo, cheio de cachinhos, porque que pelas referências que possui, seu cabelo não tem jeito, ou seja, tudo que faz, não fica bom e belo. Na verdade, há poucas referências positivas ao cabelo crespo enquanto há um excesso de referências ao cabelo liso e aos perfis estéticos e culturais europeus. Assim, a pergunta "De onde vêm tantos cachinhos?" (pp. 5,8) sensibiliza o leitor para a ausência de um outro semelhante que lhe mostre referências. Se há essa referência, onde ela estaria? Nas histórias infantis, nos desenhos animados, nas bonecas e mesmo em muitos dos ambientes sociais partilhados pelas crianças não é comum esse tipo de referência.

Os versos "Joga pra lá, puxa pra cá" (p. 7), nos remete às dificuldades que essa personagem passa com seu cabelo, para estar de acordo com o perfil padrão do cabelo não crespo, nos moldes do perfil

eurocêntrico. “Jeito não dá, jeito não tem” (p. 8), realmente não há estica e puxa que fará com que o cabelo crespo se adeque a esse padrão, provocando a insatisfação na personagem Lelê.

Como exposto no capítulo 2, Goffman (2008) explicita que essa relação entre atributo considerado depreciativo e os estereótipos leva ao estigma. O cabelo e todos os atributos de Lelê, uma menina negra, são considerados estigmas que se sobressaem de forma dominante nas relações mistas, e definem o olhar e o julgamento do outro sobre quem é Lelê. Portanto, o estigma torna-se a identidade social da personagem estigmatizada, encobrindo todos os seus outros atributos e levando à conclusão de que “jeito não dá/jeito não tem” (p. 8) diante de todas as suas características étnico-raciais. Segundo Goffman (2008, p. 17) “a vergonha se torna uma possibilidade central, que surge quando o estigmatizado percebe que um de seus próprios atributos é impuro”. Lelê não apresenta exatamente sensação de vergonha, mas de insatisfação, descontentamento.

segundo Woodward (2000, p.17), “é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos”. A criança negra, desde muito pequena encontra pouca referência ao seu cabelo crespo. A presença majoritária do perfil eurocêntrico a distancia de sua identidade, e a aproxima ou a faz querer aproximar-se desse perfil que não lhe pertence.

A personagem se sente insatisfeita, porque precisa se adequar a um modelo em que não se encaixa, por isso a necessidade de buscar outras referências e a pergunta se mantém (pp. 9, 10, 12):

De onde vêm tantos cachinhos?,  
a pergunta se mantém.  
Toda pergunta exige resposta  
Em um livro vou procurar!,  
pensa Lelê no canto a cismar.  
Fuça aqui, fuça lá.  
Mexa e remexa até encontrar

o tal livro sabido:  
que tudo aquilo pode explicar.

A menina encontra um caminho para encontrar a resposta: o livro. Apesar de na cultura escolar o livro ser o caminho para o conhecimento, ao se tratar da cultura africana, é possível encontrar nas tradições orais e nos relatos dos mais velhos a fonte do conhecimento e da sabedoria. Num projeto estético-ideológico mais ousado, que exaltasse a cultura africana, a autora poderia oportunizar à Lelê a busca de informações com os familiares mais velhos, nos relatos orais e nas experiências de seus familiares com o seu cabelo. Mas é no livro, registro escrito e formal, culturalmente aceito, que ela investiga a resposta para sua indagação.

A menina procura uma referência. É no continente africano que ela encontra a resposta para sua pergunta: "Depois do Atlântico, a África chama/ e conta uma trama de sonhos e medos/ De guerras e vidas e mortes no enredo/ Também de amor no enrolado cabelo". É na África que a menina encontra o amor ao cabelo enrolado e as possibilidades para o seu cabelo crespo: "Puxado, armado, crescido, enfeitado/ torcido, virado, batido, rodado/São tantos cabelos, tão lindos, tão belos!" (p. 14). A própria sonoridade desses versos apresentam ao leitor um ritmo de suspense e de explosão diante da descoberta de Lelê. O ritmo crescente desses versos une-se esteticamente à ilustração da página seguinte que mostra diversos tipos de penteados com o cabelo crespo.

Este é o momento de transformação da personagem, pois a partir dessa descoberta, Lelê também se descobre, se vendo representada pelo povo africano, seu cabelo crespo e seus inúmeros penteados. Esse processo de identificação lhe traz alegria e leveza, e as dúvidas da menina são substituídas pela satisfação, como podemos ver apresentados nos seguintes versos: "Lelê gosta do que vê! Vai à vida, vai ao vento/ Brinca e solta o sentimento" (p. 19). A repetição do primeiro verso "Lelê gosta do que vê"

(p. 19) ocorre agora mas com uma alteração significativa, a supressão da negativa. Esse momento pode provocar uma sensação que a personagem se liberta das possíveis práticas de manipulação do seu cabelo, percebendo que há referências do seu cabelo crespo tal como ele é naturalmente. Ou seja, para o cabelo crespo "jeito dá, jeito tem", e são muitas as alternativas. É apresentado um outro que se parece com ela e que permite que ela se identifique, a partir desse reflexo que vem do outro.

Até a descoberta das referências africanas para seu cabelo crespo, a inquietação e a insatisfação que rondam a personagem resultam do fato de não se ver representada diante desse outro, que não se parece consigo, mas que é a referência autoritária na construção de sua identidade. Recordo com Silva (2000) que a identidade e a diferença são interdependentes, ou seja, construímos nossa identidade encontrando semelhanças e diferenças na relação com nossos pares sociais. A menina Lelê constrói sua identidade percebendo-se diferente do outro (cabelo liso, que "tem jeito"), e superando a dificuldade concreta de se parecer com esse outro tão diferente dela. Por isso, é importante frisar esses versos: "Jeito não dá/Jeito não tem" (p. 7). Sua contundência, impõe a "verdade" de que o cabelo é feio, não carrega em si a referência de belo com a qual está acostumada a interagir; o seu cabelo crespo é um estigma. Tomando como base o padrão eurocêntrico, o cabelo crespo "não tem jeito", está e estará sempre fora do padrão.

Lelê, ao encontrar em quem se espelhar, sente-se bem consigo mesma o que permite a interação mais confiante com o outro. "O negro cabelo é pura magia/encanta o menino a quem se avizinha" (pp. 24, 25). Aqui se ressalta a importância das referências na construção da subjetividade, assim como da aceitação do outro nesse processo. Gomes (2008, p. 20) explica que "qualquer processo identitário é conflitivo na medida em que ele serve para me afirmar como um 'eu' diante de um 'outro', por isso, aceitação ou rejeição do outro influenciam diretamente na

aceitação e construção de sua identidade". Esse é o primeiro momento em que Lelê não aparece sozinha, o que permite afirmar que esse processo de identificação torna possível o processo de aceitação e bem estar de seu cabelo e de sua identidade negra, permitindo o encontro com o outro. Esse trecho, mostra mais um momento de alegria da menina, ao encontrar suas origens e a sua beleza negra. Essa sensação acompanha agora a personagem: Lelê já sabe que em cada cachinho/Existe um pedaço de sua história/ Que gira e roda no fuso da Terra/ De tantos cabelos que são a memória" (pp. 26-27).

No final da história, o narrador aproxima o leitor mais uma vez dos sentimentos da menina, agora interpelando-o: "Lelê ama o que vê!/ E você?" (p.29). A transformação da personagem é comprovada aqui na palavra "ama". Depois da descoberta, Lelê deixa de não gostar do que vê, para amar o que vê. Esse trecho propõe a efetiva interação entre o leitor e a obra, ao chamar a atenção da criança leitora para seu próprio cabelo. Trata-se de uma passagem do texto em que a interlocução é evidenciada na materialidade do texto.

Tal como ocorre com a personagem de Valéria Belém, a criança negra precisa encontrar "jeito" ou "beleza" para seu cabelo crespo, pois o processo de identificação é indispensável para a afirmação e aceitação de sua identidade. É necessária a afirmação dessa identidade, promovendo a interação com protagonismos e referências do negro, sua cultura e sua história.

## 2. AS TRANÇAS DE BINTOU

As tranças de Bintou é uma obra da autora francesa Sylviane Diouf e do ilustrador do americano Shane Evans. A narrativa, em primeira pessoa, conta a história de uma menina que está insatisfeita com os birotos em seu cabelo e sonha em ter tranças. “Meu nome é Bintou e meu sonho é ter tranças. Meu cabelo é curto e crespo. Meu cabelo é bobo e sem graça. Tudo o que tenho são quatro birotos<sup>1</sup> na cabeça” (DIOUF, 2010, p. 2). Observa-se que a personagem se apresenta com seu nome imediatamente seguido pelas referências à seu cabelo. Esse dado reafirma a percepção do cabelo como marca identitária. Bintou fica a admirar as mulheres de sua aldeia com suas tranças cheias de miçangas. A ambientação mostrada pela ilustração traz a delicadeza da cultura da aldeia, principalmente nas vestimentas dos personagens. É possível conhecer um pouco dessa cultura como a cena do batizado de seu irmão: a presença da família, o papel social e o respeito aos mais velhos, os alimentos e instrumentos típicos das festas e as particularidades do batismo.

Os detalhes da ilustração, além de compor o panorama cultural da narrativa, dimensionou o conflito de Bintou com seus birotos. Todas as crianças tem esse penteado. E será pela voz da tradição, representada pelo idoso, que virá a explicação. Vovó Soukeye que sabe tudo explica à menina o porquê de as crianças não usarem tranças em sua aldeia:

Há muito tempo, existiu uma menina chamada Coumba. Que só pensava no quanto era bonita<sup>1</sup>., vovó diz enquanto afaga minha cabeça. “Todos a invejavam, e ela foi se tornando uma menina vaidosa e egoísta. Foi nessa época, e por isso, que as mães decidiram que as crianças não usariam tranças, só birotos, porque assim elas ficariam mais interessadas em fazer amigos, brincar e aprender. (DIOUF, 2010, p. 10)

---

1 Penteado feminino em que os cabelos são presos em pequenos montes.

A narrativa traz sempre dados da cultura dessa aldeia africana, passando pelo respeito aos mais velhos e às manifestações culturais. A personagem que passa pela aventura de ajudar a salvar os pescadores de um afogamento ganha toda a atenção dos adultos e o direito a um prêmio. Esse aventura traz emoção à narrativa, levando ao leitor a possibilidade de a protagonista ter seu sonho realizado: "Antes que eu possa falar, Fatou diz: 'ela sonha com tranças'. Mamãe acaricia meu cabelo, do qual só restavam dois biotes. Os laços que prendiam os outros dois se soltaram enquanto corria pela mata. 'Então você terá suas tranças'" (DIOUF, 2010, p. 23). A avó, que representa a sabedoria e é vista como "guardiã" da cultura dessa aldeia africana, mostra à Bintou um novo sentido para seu cabelo resguardado pela tradição. Bintou ganha novos biotes da avó com direito a óleo perfumado e enfeite de pássaros, a qual passa a sentir "seguida pelo sol".

A história traz os anseios suscitados na transição da fase infantil para a fase adulta, apresentando uma realidade africana e um cotidiano familiar, contexto muitas vezes marginalizado nas representações sobre a África. Também é possível perceber o respeito à infância e acima de tudo aos mais velhos.

Sempre que Bintou sonha com tranças ela narra a sensação que o sol a segue e que, portanto, se sente bonita, iluminada. Como narrado pela própria personagem, Bintou ganha no final da história enfeites de pássaros no cabelo pelas mãos da avó e passa a sentir-se assim, seguida pelo sol. A apreciação do cabelo é corroborada nos versos seguintes: "Eu sou a menina dos pássaros no cabelo. Eu sol me segue e eu sou muito feliz" (DIOUF, 2010, p. 30). Os biotes

enfeitados deixam a menina orgulhosa, mas as tranças, por respeito às tradições resguardadas pela presença e respeito aos mais velhos, permanece apenas como particularidade do mundo adulto.

### 3. OBAX

Obax é uma obra do autor e ilustrador brasileiro André Neves, ganhadora de vários prêmios literários, entre eles o Jabuti de Ouro em 2011, ano de sua publicação. O autor explica que essa história de ficção se passa em uma aldeia da África Ocidental. A narrativa surge de sua pesquisa em livros de fotografia e na internet sobre o oeste africano (que compreende os países Mali, Nigéria, Costa do Marfim, Senegal, Mauritânia entre outros). Segundo ele, o livro remete ao vislumbre das aldeias praticamente isoladas que mantêm características étnicas peculiares. "Os motivos, padrões de pintura que enfeitam suas casas, roupas e objetos de cerâmica são reflexos de sua vida e que apesar das dificuldades oferecidas pela paisagem árida, as comunidades exalam alegria através das cores" (NEVES, 2011, p.34).

O olhar poético e sensível do autor e ilustrador é percebido desde o início, tanto no texto verbal como no texto pictórico. As ilustrações trazem as particularidades étnicas de uma tribo africana com suas manifestações artísticas encontradas dentro e fora das cabanas, nas pinturas particulares pelo corpo, nas estampas de suas vestimentas. Segundo sua pesquisa, a arte dos diversos grupos étnicos espalhados pela África Ocidental é realizado pelas mulheres com o uso de lamas e pigmentos naturais feitos de plantas. Os vários matizes de tons laranja, vermelho e amarelo se encarregam de dar o tom árido da região e mostrar no horizonte o brilho estampado pelo sol. Para representar a vegetação, Neves além de desenho, também usa colagens.

O projeto gráfico da capa chama a atenção para o título. Obax, nos países da África Ocidental, significa flor. O significado do nome da protagonista evidencia a relação da mesma com a fauna e a flora da savana africana, e nos remete à florada do baobá, a qual ocorre em uma única noite no ano, entre maio e agosto. Assim como o baobá, Obax é uma flor

rara da savana africana, que entre muitas desconfianças e aventuras provoca o encantamento de seu povo. Na capa figura uma menina, com birotos na cabeça e olhar fixo numa pedra que se encontra no chão. A pintura de seu rosto chama a atenção pelas particularidades dos pontinhos pintados nos olhos e pelas listras que descem numa pintura da testa à boca.

Obax era de poucos amigos e sua melhor brincadeira era inventar histórias. As suas aventuras pela savana são muitas e ela retorna à aldeia sempre com os olhos brilhantes, cheia de histórias para contar, como apresenta o trecho da história:

Ela já havia caçado ovos de avestruz.  
Conhecido elefantes, girafas.  
Apostado corrida com antílopes  
e enfrentado ferozes crocodilos.  
(NEVES, 2011, p. 10)

Ninguém se importa, mas um certo dia, as pessoas se negam a acreditar que Obax vira uma chuva de flores: "Como poderiam chover flores onde pouco chove água?" (Neves, 2011, p. 15). Ninguém acredita na menina, as crianças caçoam dela, apenas sua mãe a acolhe em seus braços, entendendo que seria mais umas das histórias da filha.

Obax não gosta da reação da aldeia e promete nunca mais contar sobre suas aventuras. Ao sair correndo pela savana, tropeça em uma pedra com forma de elefante e resolve partir pelo mundo para encontrar uma chuva de flores e provar que sua história é verdadeira.

Na página seguinte lá está Obax pedindo ajuda a seu enorme amigo elefante Nafisa, que na África Ocidental significa pedra preciosa. Segundo Obax ele é um elefante que se perdeu da manada e vive sozinho pelas savanas. No cenário, os tons de laranja se misturam trazendo a sensação do sol ao final da tarde. E lá vão os dois, Obax e Nafisa, mundo afora, à procura de uma chuva de flores. Eles passam por vários lugares, conhecendo

aldeias e cidades vendo chuva de água, de pedras, de estrelas, de folhas (o autor deixa claro, quando o vento estava agitado), de flocos de algodão, mas já estão de novo na savana e nada de chuva de flores.

Ao voltarem já de madrugada para a aldeia, todos se encontram preocupados com o sumiço da menina, e ela chega entusiasmada para contar suas aventuras com Nafisa. Chama todos para verem seu amigo lá fora, mas "Ao saírem da cabana, não viram nada. Nem perto, nem longe. Nem mesmo uma pegada se espalhava pela areia. Só havia no chão uma pequena pedra em forma de elefante" (p. 27). A menina se decepciona, não queria mais que ninguém zombasse dela e, com raiva, enterra a pedra. No dia seguinte, nesse mesmo lugar, ela encontra um enorme baobá, cheio de flores e de pássaros que ao agitarem suas asas fez surgir como magia a tão sonhada chuva de flores: "Ninguém acreditava no que os olhos viam. Quando a pequena Obax se aproximou da árvore, os pássaros bateram asas numa agitação tão forte, que as flores começaram a cair, enchendo os olhos da menina do mais puro brilho" (p. 30).

Depois do ocorrido, todos começam a se interessar pelas histórias de Obax. Ela cresce e o baobá (símbolo de tradição em toda a África) se torna um repouso para lembrar das inúmeras aventuras fantasiadas pela menina.

A narrativa traz um convite de pacto com o leitor, onde pedra, elefante e baobá se tornam pura magia, principalmente para o olhar do leitor infantil. O envolvimento com a leitura promove ao leitor uma viagem pela savana africana e sua cultura. A chuva de flores é ilustrada como fossem chuvas de estrelas, trazendo uma sensação de brilho, de fantasia e apresentando todo o desfecho deslumbrante e mágico da história.

As imagens da África se tornam protagonistas, como Obax nessa narrativa. Texto e imagem se fundem para contar uma história e levar ao leitor uma experiência estética instigante, provocadora e deslumbrante.

## 4. RAPUNZEL E O QUIBUNGO

*Rapunzel e o Quibungo* é uma adaptação escrita pelos autores mineiros Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho e ilustrado pelo mineiro Walter Lara. A narrativa traz em seu enredo o mesmo encantamento das histórias de príncipes e princesas, monstros e fadas dos contos clássicos, mas com uma roupagem nova. Os personagens principais são afro-brasileiros e há uma referência à cultura e ambientação nacional, assim como traços de heranças da cultura africana, como é o caso do Quibungo, um bicho papão de origem africana que hoje no Brasil figura no imaginário popular da região do estado da Bahia. A narrativa, mantendo a perspectiva tradicional dos contos de fadas, é narrado em terceira pessoa, e traz referências da flora brasileira como a Lagoa do Abaeté, o bambu, a castanheira e frutas como coco, cupuaçu, cajá, umbu, graviola.

Os personagens humanos africanos e afro-brasileiros são identificados pela ilustração que apresenta-os com a pele preta, o nariz grande, os cabelos crespos, as tranças com miçangas. Quais os sentidos produzidos pelas crianças quando deparar com esse novo perfil de príncipes e princesas? Isso apenas será possível saber mediante da experiência da criança com essa leitura literária. O enredo instigante, com personagens diferenciados pode gerar estranheza, mas também possibilidades de novos sentidos a serem construídos.

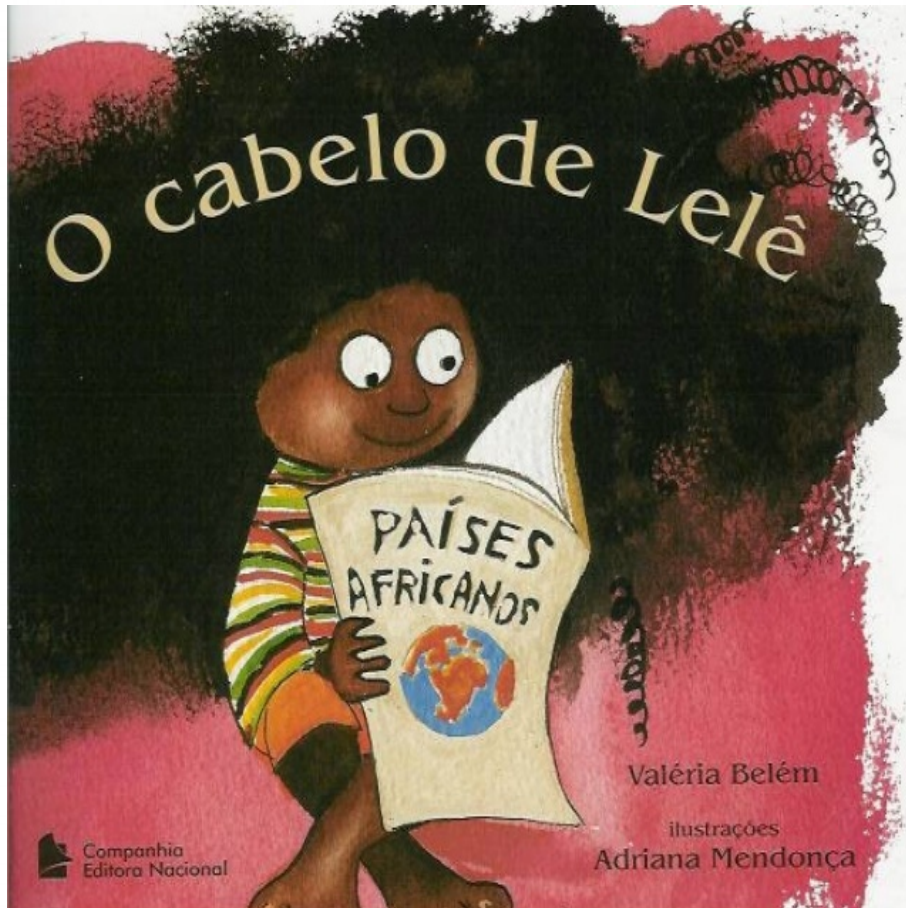
O grande encantamento da história está na sua narrativa instigante, que envolve o rapto da protagonista, uma garota, pelo Quibungo e da trama enredada para que o príncipe descubra o apuro pelo qual passa a menina Rapunzel e possa traçar um plano para salvá-la. A ilustração de Walter Lara realmente contribui para que a narrativa apresente um novo perfil de personagens e contextos para o universo dos reinos infantis.

**CENAS DE LEITURA**

**SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS**

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA - O CABELO DE LELÊ

*O cabelo de Lelê* - Valéria Belém(2007)



### Objetivos

- ➔ Ler e apreciar a obra literária com as crianças;
- ➔ Despertar o interesse pela leitura, vislumbrando a obra literária em seu sentido estético;
- ➔ Propor a mediação dialógica e problematizada entre obra literária e leitor;
- ➔ Perceber os sentidos construídos e problemas suscitados sobre o discurso étnico-racial mediante apreciação estética literária;

- ➔ Suscitar a descendência africana na formação estética dos afro-brasileiros;
- ➔ Propor interações com os atributos físicos da personagem protagonista, relacionando-os com os atributos do negro;
- ➔ Problematizar os estereótipos negativos acerca dos atributos físicos dos negros (cabelo crespo, pele preta).

Estimativa: 4 cenas – Cada cena leitora corresponde a 2 aulas conjugadas de 45 minutos.

Cena 1

Apreciação Literária – Quem é Lelê?

Ação: Leitura da obra com os alunos.

Introdução



- ➔ Organizar a turma em roda apresentando o "Baú Literário" Apresentá-lo como um baú mágico, questionando-os: O que será que há no baú? Que segredo ele esconde?
- ➔ Levar na caixa uma boneca de pano negra e apresentá-la a turma como uma amiga que adora leitura e que trouxe um monte de histórias que ela ama para contar para todos. Vejam; Gostaram de minha amiga? Ela quer conhecer vocês e mostrar um de seus tesouros, o primeiro é esse aqui (retirar da caixa o livro "O cabelo de Lelê"; Vocês gostaram da Dandara? O que é? Quem gosta de histórias? Quem gosta de ler?

### A capa

- ➔ Iniciar a pré-leitura do livro a partir da capa.
- ➔ Chamar a atenção das crianças para a capa, propondo o manuseio do livro revestido em plástico filme;
- ➔ Levantar questões para instigar a exposição de ideias e impressões, destacando primeiro as ilustrações e apenas em segundo momento, o título.

### Problematizando a ilustração da capa

- ➔ O que vocês veem?
- ➔ O que mais lhes chamam a atenção?
- ➔ Será um menino ou uma menina?
- ➔ O que está segurando? Qual será a sua intenção?
- ➔ E a roupa? Lhes lembram alguma coisa ou algum lugar?
- ➔ Os olhos, nos transmite que sensação? E a expressão da boca?
- ➔ Parece feliz ou triste com a leitura do livro?
- ➔ Como é o seu cabelo? O que acham?

## Apresentação do título

- ➔ Quem será Lelê? Um menino? Uma menina?
- ➔ Será um nome ou apelido? Por quê? De qual nome?
- ➔ E agora é possível saber sobre o que trata a história? E sobre o que é?
- ➔ Você já viu um cabelo como o de Lelê? Já tocou? O que achou? Será?
- ➔ O que será que Lelê procura em um livro de "Países Africanos"?
- ➔ O que vocês sabem sobre os países africanos?
- ➔ Nesse momento será possível levantar conhecimentos prévios dos alunos sobre o cabelo crespo e o continente africano, levantar problematizações e inferências de acordo com as ideias suscitadas, encaminhando para a leitura da história.

## Leitura da História

- ➔ Leitura expressiva do livro com apresentação das ilustrações página por página, atenuando as rimas e o movimento que elas provocam;

## Problematização

- ➔ Iniciar relendo início e o fim da história, e apresentando às crianças texto e imagem:
- ➔ Início: Lelê não gosta do que vê.
- ➔ Fim: Lelê ama o que vê!
- ➔ Por que "Lelê não gosta do que vê", no início da história?
- ➔ O que o rosto dela nos diz sobre como se sente?
- ➔ Como as palavras estão escritas? Será que isso quer nos dizer algo?
- ➔ E no final? Ela gosta ou ama o que vê? Por quê? O que aconteceu?
- ➔ E as palavras, como estão escritas? É diferente do início? Por quê?
- ➔ Qual sinal de pontuação utilizado? É diferente do início? O que os sinais de pontuação quer nos dizer?

- ➔ Que impressão temos no início da história? E no fim?
- ➔ Agora é possível saber se Lelê é um menino ou uma menina? Como?
- ➔ Joga pra lá/puxa pra cá/jeito não dá/ jeito não tem. Como Lelê se sente nesse momento? É verdade, o cabelo de Lelê tem ou não tem jeito? Que jeito? Ou jeitos?
- ➔ Por que o cabelo de Lelê não teria jeito?
- ➔ Onde Lelê encontra o amor por seu cabelo enrolado? Vocês conhecem? Já ouviram falar? Reler trechos:

Depois do Atlântico, a África chama  
E conta uma trama de sonhos e medos  
De guerras e vidas e mortes no enredo  
Também de amor no enrolado cabelo

Puxado, armado, crescido, enfeitado  
Torcido, virado, batido, rodado  
São tantos cabelos, tão lindos tão belos! (p.14)

Descobre a beleza de ser como é  
Herança trocada no ventre da raça  
Do pai, do avô, de além mar até (p. 23)

- ➔ Visualizar as possibilidades apresentadas na ilustração das páginas 14 e 15 e questionar: O cabelo de Lelê tem jeito ou não tem? Que jeitos?
- ➔ Leiam comigo (pp. 19) – apresentação do texto e da ilustração: “Lelê gosta do que vê! Vai à vida, vai ao vento/Brinca e solta o sentimento.” Qual é a sensação que Lelê nos passa nesse momento? Por que Lelê se sente assim?

### Retomar à história:

- ➔ Por que Lelê passou a amar seu cabelo? Onde ela encontrou o amor pelo cabelo crespo?
- ➔ O que você sentiu com a leitura da história? “Lelê ama o que vê!” E você? E você? Gosta do cabelo da Lelê? Como é o cabelo de Lelê?

Já viu alguém com o cabelo parecido? E do seu cabelo, você gosta? Como ele é? Ele se parece com o cabelo de Lelê?

## Cena 2 Desdobramento 1 – De onde vem o cabelo crespo?

**Ações:** Interação com os países africanos a partir de exploração de mapas.

- ➔ O desdobramento se norteará a partir dos seguintes questionamentos: Onde Lelê encontrou o amor pelo seu cabelo crespo? O livro que ela encontrou falava sobre o que? Onde é a África? Vocês conhecem a África? Já ouviram falar? O que ouviram falar sobre ela?
- ➔ Manusear mapa-mundi destacando o lugar onde estamos e o lugar em que está localizado o continente africano: A África é longe do Brasil? É um continente grande ou pequeno? Vamos conhecer um pouquinho sobre ele, sobre esse continente que ensinou a Lelê a amar seu cabelo crespo? Expor na sala um banner com o mapa mudo da África, trazendo afixados nele pequenos envelopes com curiosidades sobre sua cultura, seu povo, sua história e sobre algumas heranças africanas na cultura brasileira. Pedir às crianças que participem, chamando aqueles que se propõem em participar, para ler e colorir o nome de um país africano e socializar o que a curiosidade descrita no envelope (Como se trata em uma turma em processo inicial na aquisição da linguagem escrita, propor ajuda no momento da leitura do texto).
- ➔ Nossa, quantos países tem na África? O que estava escrito no livro que Lelê encontrou? A África é apenas um país (Retomar mapa e globo terrestre caso seja necessário)? Ou é um continente com vários países? Será quantos países ele tem? E os nomes dos países africanos

você conhece algum? Vamos descobrir?

- ➔ Disponibilizar em sulfite tamanho A4, mapa da África mudo, para que as crianças possam ler, pintar e descobrir nomes de países africanos. Organizar as crianças em duplas para que possam interagir no momento da leitura e das descobertas sobre os países africanos.

Cena 3

Desdobramento 2: Como é a Lelê? E você?

Ações: Problematização dos atributos físicos da personagem com a produção de palitoches e interação em pequenos grupos.



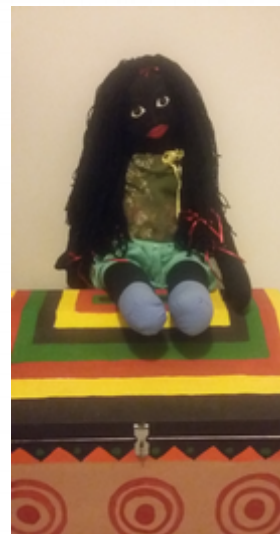
Retomada da história "O cabelo de Lelê" de Valéria Belém, questionando aos alunos: Quem é o personagem principal da história? O que aconteceu com ela? Como ela se sentia no começo? E no final como se sentia? Mas o que houve para acontecer essa mudança?

- ➔ Rer ler a história para as crianças;
- ➔ Focalizar na representação de Lelê: Como é Lelê? A cor de sua pele? Ela é negra? E o seu cabelo? É encaracolado? É liso? É crespo? Quem aqui tem o cabelo crespo como o de Lelê? O cabelo cacheado? O cabelo liso?
- ➔ Como é o cabelo crespo? Tirar da caixa mais uma surpresa: uma peruca de cabelo crespo pedindo para as crianças manusearem e relatar suas impressões, questionando-as: Como é? É duro? Parece com a madeira da mesa? Então como é? Qual é a sensação que vocês tem ao tocá-lo? Parece com o cabelo da Lelê? Alguém quer experimentá-lo? Vamos fazer um mural fotográfico com o cabelo da Lelê? Quem quer participar? Permitir a participação.
- ➔ Disponibilizar alguns materiais para confecção do palitoche de Lelê: papéis, lãs, cola, palitos de churrasco, moldes de braços, pernas, e cabeça para recorte e montagem. Antes questionar: qual a cor de papel usaremos para fazer os braços, pernas e cabeça de Lelê? É possível fazer com esse? Por que esse e não esse? (Apresentá-los) E o cabelo? Qual dessas lãs se parecem mais com o cabelo de Lelê? Por quê?
- ➔ Pedir as crianças para recortar os moldes e montar passo-a-passo com elas o palitoche de Lelê;
- ➔ Organizar pequenos grupos para reconto e interação com os palitoches da personagem; Passar em cada grupo incentivando-as a recontarem a história usando a figura de Lelê;
- ➔ Pedir as crianças para levar os palitoches para casa e recontar a história da Lelê para a família e, no próximo encontro, socializar como foi com os colegas.

## Cena 4 Desdobramento 4: Lelê ama o que vê? E você?

**Ações:** A abordagem consiste em apresentar aos alunos referências positivas do cabelo crespo usando uma música, um depoimento e imagens de pessoas com cabelo crespos.

- ➔ Perguntar se contaram a história para a família e como foi a experiência; O que a família achou da história?
- ➔ Pedir participação espontânea das crianças para reconto da história com suas próprias palavras;
- ➔ Problematizar algumas questões levantadas pelas crianças nos encontros anteriores com exposição e problematização de vídeos:



- ➔ Levar a boneca da Lelê na caixa surpresa, e apresentá-la às crianças, dizendo-as que hoje Lelê trouxe algumas coisas que também ajudaram que ela amasse seu cabelo crespo e que eles também iriam amar;
- ➔ Uso do data show para assistir e problematizar alguns vídeos;
- ➔ Vídeo 1 Youtube "Júlia ensinando a gostar de seus cachos": Apresenta uma criança expondo a sua experiência de afirmação e amor pelo seu cabelo crespo, incentivando aos espectadores a gostar de seu cabelo

crespo (ou qualquer tipo de cabelo, em especial, o crespo) "black", e não se importar com as críticas dos outros: Questionar às crianças:

- ➔ O que vocês acharam da Júlia? Como é o cabelo dela? Que mensagem ela passa para nós? Ela gosta de seu cabelo? Ela importa com a opinião dos outros sobre o seu cabelo? E você importa? Ela quis alisar seu cabelo? E passar chapinha? Você já fez isso ou gostaria de fazer? Será porque as pessoas fazem isso? Vocês concordam que crianças devem fazer isso? Por quê? Será que agora, Lelê importa com a opinião dos outros sobre seu cabelo? Por quê? Por que vocês acham que as pessoas ficavam criticando o cabelo da Júlia? Como ela resolveu isso? Ficou triste? Mudou seu cabelo? O que ela fez? Você gosta de seu cabelo? Você já sentiu vontade de mudar seu cabelo por causa da opinião dos outros? Se alguém criticar seu cabelo o que você pode fazer? Só existe um tipo de cabelo bonito? Como é um cabelo bonito para você?
- ➔ Vídeo 2: Fotos de pessoas (crianças, jovens e adultos) com o cabelo crespo de várias formas: Tem ou não tem cabelo igual ao de Lelê? Tem e é lindo, um mais lindo que o outro, vamos conhecer? Fiquem atentos e vejam qual se parece mais com Lelê.
- ➔ Mostrar as imagens questionando às crianças: Parecem ou não com o cabelo de Lelê? São cabelos crespos? Qual é a sua opinião sobre esse cabelo, e esse? Eu tenho os meus preferidos e você? Qual você considera o mais parecido com o de Lelê? Se fosse escolher para você, qual escolheria? E agora, já viram ou não cabelos como o de Lelê? Escolha um.
- ➔ Vídeo 3: "Música de Chico César: Respeitem meus cabelos, brancos" – Vídeo extraído do Youtube com montagem de imagens: Apresentar o vídeo às crianças pedindo-as que fiquem atentas as imagens e à mensagem da música;
- ➔ Mostrar no primeiro slide a imagem de Chico César, apresentando-o

como um grande artista brasileiro: Problematizar a letra da música: Sobre o que a música fala? Como é o refrão? Destacar versos e estrofes que chamam mais atenção:

Respeitem meus cabelos, brancos – Chico César

Respeitem meus cabelos, brancos  
Chegou a hora de falar  
Vamos ser francos  
Pois quando um preto fala  
O branco cala ou deixa a sala  
Com veludo nos tamancos

Cabelo veio da África  
Junto com meus santos  
Benquelas, zulus, gêges  
Rebolos, bundos, bantos  
Batuques, toques, mandingas  
Danças, tranças, cantos  
Respeitem meus cabelos, brancos  
Se eu quero pixaim, deixa  
Se eu quero enrolar, deixa  
Se eu quero colorir, deixa  
Se eu quero assanhar, deixa  
Deixa, deixa a madeixa balançar

Afixar no quadro cartaz com letra da música, ler e cantar com as crianças. Iniciar questionando sobre o título e o refrão: A música fala de cabelos brancos? Fala que o cabelo vem de onde? E o que tem lá, na África? Que tipo de cabelo? Então diz repetir que tipo de cabelo? Era o mesmo que Júlia estava pedindo no outro vídeo que vimos? É pra deixar o cabelo como? Por que? O que pode fazer com o cabelo? Qual é a mensagem da música? O que tem lá na África? Vamos responder cantando: voltar ao texto ler e cantar a segunda estrofe, pontuando as informações trazidas: Existe apenas um tipo de cabelo bonito? O que vocês acharam dos cabelos que a professora lhes apresentou a pouco? Importa se é pixaim? Ou

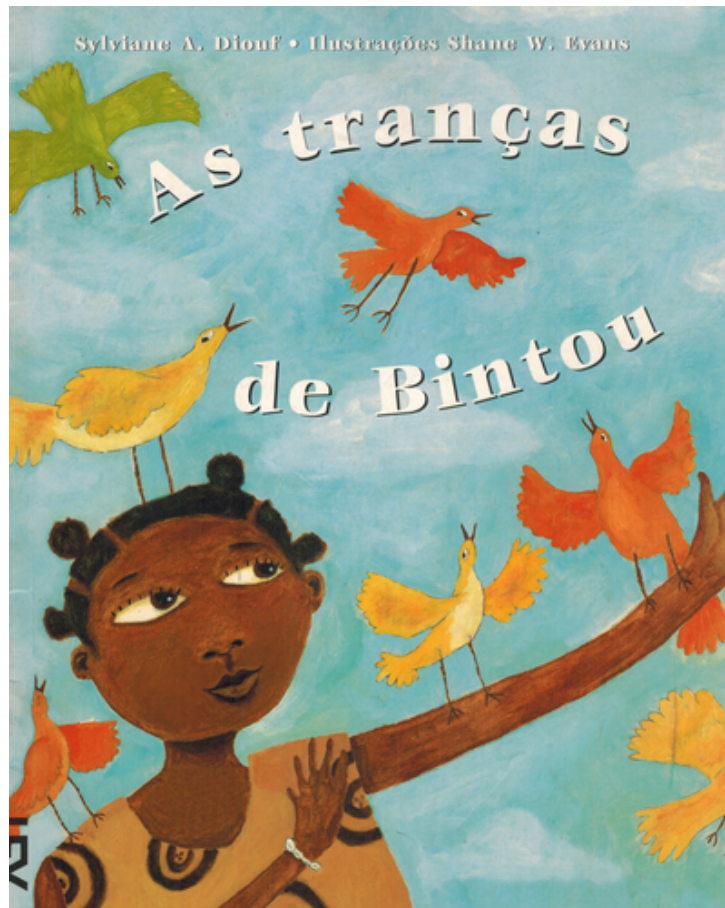
enrolado? Ou assanhado? Ou liso? Ou crespo? O que a música diz "Deixe as madeixas balançar"; Reproduzir novamente o vídeo com a música para que as crianças possam visualizá-lo e ouvi-lo com mais atenção; Cantar com as crianças enfatizando o refrão; Chamar todos para interagirem e dançarem, oferecendo interação com a peruca black e a boneca Lelê.

### Recursos

- ➔ Obra *O cabelo de Lelê* - Valéria Belém;
- ➔ Boneca de pano negra;
- ➔ Boneca de pano da personagem Lelê;
- ➔ Música: *Respeitem meus cabelos, brancos* - Chico César
- ➔ Vídeo: Imagens de meninos e meninas, homens e mulheres com o cabelo crespo como o de Lelê.
- ➔ Vídeo "Júlia ensinando a gostar de seus cachos" em <https://www.youtube.com/watch?v=cHie91NYx1M>
- ➔ Palitoche: palito de picolé ou churrasco, papel carmem laranja, verde, marrom, canetinhas, lápis de cor, lã crespa (onda), grampeador, cola branca.
- ➔ Outros: lápis de cor, papel sulfite, giz, papel pardo, canetões, projetor de vídeo, computador;

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA - AS TRANÇAS DE BINTOU

*As tranças de Bintou* - Sylviane Diouf (2010)

**Objetivos:**

- ➔ Ler e apreciar a obra literária com as crianças;
- ➔ Despertar o interesse pela leitura, vislumbrando a obra literária em seu sentido estético;
- ➔ Propor a mediação dialógica e problematizada entre obra literária e leitor;
- ➔ Perceber os sentidos construídos e problemas suscitados sobre o discurso étnico-racial mediante apreciação estética literária;
- ➔ Conhecer uma África de vivências, famílias e contextos culturais diversos;

- ➔ Interagir com peculiaridades das culturas africanas;
- ➔ Discutir a relação entre ser africano e ser afro-brasileiro.

Estimativa: 5 cenas leitoras - 10 aulas de 45 minutos

### Cena 1      Apreciação - Quem é Bintou?

Ação: Ler com as crianças a história, apreciando inicialmente a capa.

- ➔ Organizar uma roda e apresentar mais uma obra do baú literário, apresentando autora e ilustrador;
- ➔ Levantar perguntas para exploração da capa:

#### Exploração da ilustração

- ➔ O que a ilustração apresenta? É criança ou adulto? Menina ou menino? Como podemos saber?
- ➔ Como ela(e) é? O jeito de seu cabelo? A cor de sua pele? Seus olhos? O que veste? Usa algum enfeite? De que ele é feito?
- ➔ Vocês sabem como se chama esse penteado? Já usaram ou viram alguém usando?
- ➔ O que acham dele?
- ➔ O que olhar dela(e) nos transmite? Parece triste, feliz...
- ➔ E quanto às roupas? Como são? Parece com as roupas que usamos?
- ➔ E os pássaros, o que fazem? Será por que estão aí?

#### Apresentação do título

- ➔ Vocês conhecem alguém com o nome de Bintou? Será que é um nome brasileiro ou estrangeiro? De onde pode ser?

- ➔ As tranças de Bintou? Que tranças? Bintou está usando tranças? Menina usa trança? E menino? Então, é possível saber se Bintou é menino ou menina?
- ➔ Mas onde estão as tranças? Bintou está usando tranças? Quem sabe o nome do penteado que Bintou usa em seus cabelos? Já usaram ou viram alguém usando? O que acham?
- ➔ Leitura expressiva página por página da história, apresentando ilustração correspondente. Deixar as duas páginas finais para contar depois da problematização, deixando o suspense na apresentação do desfecho da história.

## Cena 2

## PROBLEMATIZAÇÃO:

Ação: Reconto oral da história e problematização a partir das peculiaridades da cultura da aldeia de Bintou e das falas suscitadas pelos alunos.

- ➔ Quem está contando a história?
- ➔ "Então você terá suas tranças". Iniciar problematização questionando sobre o final da história: O que irá acontecer? Bintou terá suas tranças? Qual é a opinião de vocês?
- ➔ Vocês descobriram como se chama o penteado de Bintou?
- ➔ Onde se passa a história? E quando? (batizado de seu irmão)? Para que estão reunidos? Quem lidera o ritual de batizado? Por quê? Quando e para que ocorre essa celebração no lugar onde Bintou mora? O que acontece com a criança que será batizada? De que se alimentam nessas ocasiões? É igual aqui no Brasil? (O batizado na cultura africana não tem o mesmo significado religioso do brasileiro, refere-se à escolha

do nome do recém-nascido e carrega o sentido de reverência aos ancestrais que servirão como referência para escolha do nome da criança);

- ➔ Essa história se passa no Brasil? Como podemos saber? (roupas, cenário, nomes, batizado);
- ➔ No início da história Bintou está triste ou feliz? Por quê? O que ela acha de seu cabelo? Para ela, o que é preciso para ser bonita?
- ➔ Qual era o maior desejo de Bintou?
- ➔ Rerler p. 17: Como os adultos usavam as tranças? E o que mais deixava Bintou fascinada por elas? Como ela se sente?
- ➔ Veja o que Bintou diz: "A mulher sorri e balança suas tranças. As miçangas soam como a chuva. E tudo que tenho são quatro birotos sobre minha cabeça" p. 20. Qual é a sensação de Bintou ao ver as longas tranças com enfeites coloridos?
- ➔ Por que Bintou procura sua avó para perguntar o motivo das crianças não poderem utilizar tranças nos cabelos? Qual história a avó conta a ela?
- ➔ O que aconteceu que a faz merecer as tranças que tanto desejava?
- ➔ Como foi um dos últimos sonhos de Bintou? Rerler p. 26: Quem era a menina com quem sonhou? Quantos anos tinha? O que aconteceu com seu cabelo? Por que o sol a seguia? Com essa idade ela poderia usar tranças?
- ➔ Ela conseguirá realizar seu sonho?

Rerler toda história de forma expressiva apresentando o desfecho.

- ➔ Bintou realiza seu sonho?
- ➔ O que a vovó Soukeye fez nos cabelos de Bintou?

- ➔ Mas ela se sente feliz com seu novo penteado?
- ➔ Por que vovó Soukeye não fez as tranças que Bintou tanto queria?
- ➔ E então, como ela se sente agora no final da história? "Eu sou Bintou. Meu cabelo é preto e brilhante. Meu cabelo é macio e bonito. Eu sou a menina dos pássaros no cabelo. O sol me segue e eu sou muito feliz"
- ➔ Quem são as pessoas mais sábias no lugar em que Bintou mora? O que vovó Soukeye contou a ela ao perguntar o por quê das meninas não poderem usar tranças? Rer p. 10. A história já tinha dado sinais do que iria acontecer no final? Por quê?
- ➔ Qual é a opinião de vocês sobre o que aconteceu no final da história?

Cena 3

Desdobramento 1: Como é a Bintou?

- ➔ Levar boneca Bintou para a sala com seus birotos enfeitados e óleo perfumado nos cabelos instigando às crianças ao reconto oral; Permitir que ao final elas a manuseiem e sintam o cheiro de seu cabelo perfumado; Reconto com desenhos da história, apresentando momento que chamou mais atenção.



## Cena 4 Desdobramentos 2 e 3 - Bintou é africana ou afro-brasileira? E você?

Ações: Interação com boneca da protagonista e confecção de fantoche da mesma.

➔ Sugerir o encontro de Lelê (afro-brasileira) e Bintou (africana), problematizando;

➔ Análise comparativa entre Cabelo de Lelê e Tranças de Bintou: trazendo discussão entre Brasil e África (africano e afrodescendente) Comparar as duas histórias: Estão felizes ou tristes? O que demonstra isso? Por que Lelê está triste? Por que Bintou está triste? E agora no final: Como elas sentem? O que demonstra isso? O que aconteceu para se sentirem assim? Elas tinham desejos parecidos? Por quê?

A diferença entre texto com e sem rimas: observar os textos.

Quem conta a história? Em Lelê? E em Bintou?

Onde se passam? Como Lelê se veste? E Bintou?

Como é o cabelo de Lelê? E o de Bintou?

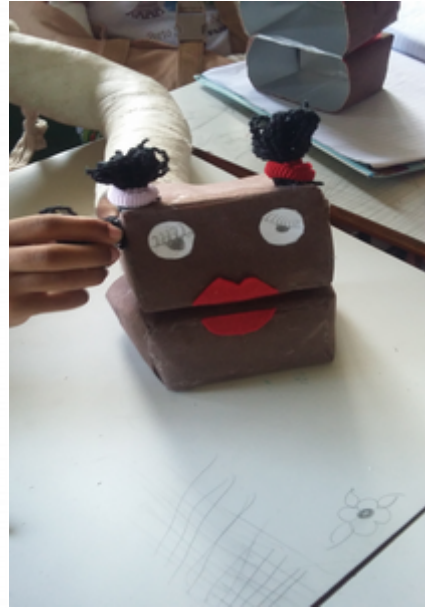
2. Representação do fantoche de Bintou: confeccionar com caixas de leite o fantoche da personagem questionando suas características, depois organizar as crianças em pequenos grupos para reconto espontâneo.

Qual seria o penteado de Lelê onde Bintou mora? E o de Bintou aqui onde Lelê mora? Ela mora no Brasil?

Onde moram? Tem os mesmos costumes? Será que a casa de Lelê é igual a casa de Bintou? Será que elas brincam das mesmas brincadeiras? Bintou e Lelê são crianças diferentes, por quê?

➔ O que aconteceria se elas fossem apresentadas? se Bintou visitasse Lelê no Brasil como usaria o cabelo? E Lelê, se fosse conhecer Bintou na África, como usaria seu cabelo?

- ➔ Confeção do fantoche da Bintou para promover reconto com interação em pequenos grupos;



### Cena 5 Desdobramento 5: Interagindo com a família

- ➔ Organizar sacolinha para levar a obra e o fantoche para casa para apresentar a história para a família. Enfeitá-la com uma boneca da Bintou confeccionada pelos próprios alunos usando a técnica das bonecas abayomes. Contar a história da resistência e preocupação das mulheres com as crianças no período de escravização do africanos.

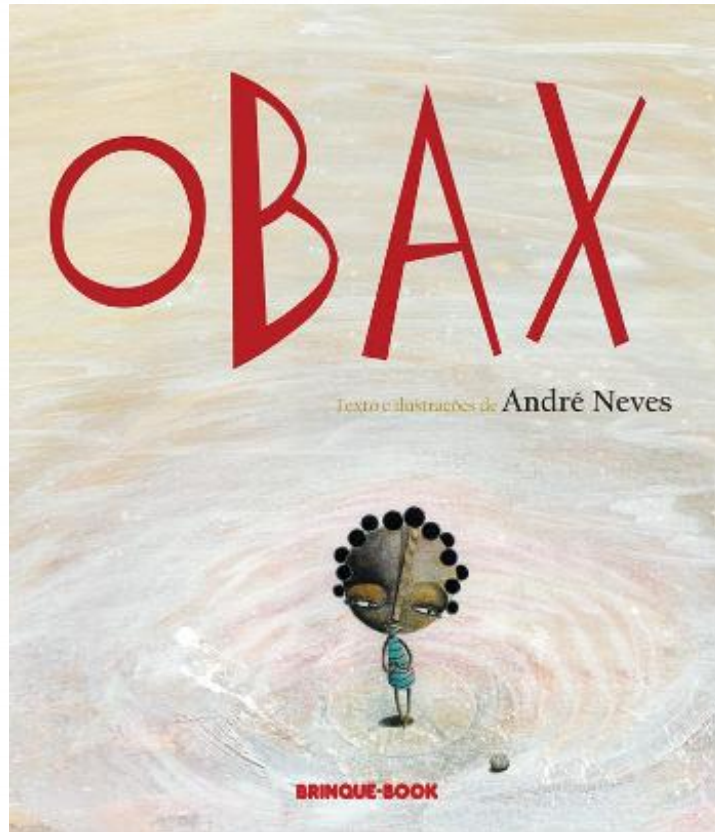
### Recursos

- ➔ Obra literária *As tranças de Bintou* - Sylviane Diouf
- ➔ Boneca de pano da Bintou,
- ➔ Fantoche: caixa de leite higienizada, tesoura, papel camurça marrom ou preto, lã crespa, papel sulfite, lápis grafite, lápis de cor, elásticos de cabelo, canetinhas, cola de silicone;

- Sacolas: TNT, tecido em malha, tesoura, retalhos de pano, cola de silicone.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA - OBAX

Obax - André Neves (2011)



### Objetivos

- ➔ Ler e apreciar a obra literária com as crianças;
- ➔ Despertar o interesse pela leitura, vislumbrando a obra literária em seu sentido estético;
- ➔ Propor a mediação dialógica e problematizada entre obra literária e leitor;
- ➔ Perceber os sentidos construídos e problemas suscitados sobre o discurso etno-racial mediante apreciação estética literária;
- ➔ Problematizar os discursos suscitados.
- ➔ Estimativa: 3 cenas - 6 aulas de 45 minutos

Ações: Leitura da história com as crianças.

- ➔ Retirar o livro da caixa literária e apresentá-lo a turma, apontando autor e ilustrador;
- ➔ Propor observação da capa atentando-se aos detalhes.
- ➔ Será que a capa nos indica o que pode acontecer na história?

### Apreciando a capa do livro

- ➔ O que mais lhes chamam a atenção? O que vemos destacado na capa do livro? (direcionar atenção para o título da história);
- ➔ O que será que significa essa palavra? Já ouviram? ? Será por que está escrita com as letras tão grandes?
- ➔ Vamos observar agora com atenção as ilustrações.
- ➔ Qual a cor da capa? O que parece?
- ➔ É uma menina? Um menino? Como podemos saber? O que veste?
- ➔ É uma criança ou um adulto? Como ela é? Parece uma criança brasileira? Por que? (observar a ornamentação que tem da altura da testa ao nariz e pintura nos olhos).
- ➔ Vamos olhar a feição dela, os olhos, a boca: Que sensação nos passa? Está olhando algo? Está triste? Alegre? Solitária?...
- ➔ E essa figura arredondada? O que é? Será que ela está olhando pra ela? Por que? Tem alguma ideia?
- ➔ E a postura de seu corpo? O que nos transmite?
- ➔ Como é o seu cabelo? E a cor de sua pele?
- ➔ O que mais podemos ver na capa? O que pode significar esse pontinho

preto abaixo do pé esquerdo da criança?

- ➔ Observar ilustrações da folha de rosto questionando as sensações e impressões que elas transmitem.

### Leitura da História

- ➔ Apresentar ilustrações a cada dupla de páginas para observação da riqueza dos detalhes e inferências a uma aldeia de um país africano e fazer leitura expressiva página por página.

### RECONTO inicial

- ➔ Questionar às crianças as impressões e sensações que tiveram durante a leitura da história. Incentivar o reconto oral da história, sem qualquer inferência e oportunizar que as crianças manuseiem o livro.

## Cena 2 Representação da protagonista: Como é Obax?

Ações: retomada problematizada da história e confecção dos personagens principais co dobraduras de papel

### Problematização

- ➔ Levantar questões atentando-se ao texto:
- ➔ "Ali morava a pequena Obax" (p. 8): Obax é um menino ou uma menina? O que o texto nos diz?
- ➔ Veja a ilustração (p. 9): O que parece que Obax está sentindo?
- ➔ Onde afinal Obax vivia? Vocês sabem o que é savana? Como o autor descreve ela durante o dia e durante a noite? (reler p. 6 e observar pp. 6 e 7).
- ➔ O que Obax fazia para se divertir na savana? Observem (p. 11). O que

parece que Obax está fazendo? Qual parecia ser sua brincadeira preferida? Por quê?

- ➔ Será que Obax aprendeu com os mais velhos a contar histórias?
- ➔ O que deixou Obax triste? ("Uma vez, Obax contou ter visto cair do céu uma chuva de flores" p. 13). Como as crianças reagiram? Como a mãe de Obax reagiu?
- ➔ Observar reação apresentada nas ilustrações pp. 12, 13. Como Obax chegou para para contar essas história? Qual a reação das pessoas ao ouvir mais uma história de Obax?
- ➔ Reler "Como poderiam chover flores onde pouco chove água?" Será que Obax estava inventando essa história ou não?
- ➔ Qual é a sensação que a ilustração (p. 14), nos transmite? (mãe abraçando Obax)
- ➔ O que aconteceu? Eu que ela decidiu fazer? (p. 16, 17 - pedra e elefante)
- ➔ Quais aventuras Obax vivenciou com Nafisa? E o que encontraram pelo caminho?
- ➔ Quando e como Obax chegou em casa?
- ➔ Dessa vez qual foi a reação dos mais velhos? Das crianças? E da mãe? Por que Obax não ficou triste com a crítica das crianças?
- ➔ Mas o que aconteceu ao saírem da cabana e procurarem o elefante Nafisa? Como a menina se sentiu?
- ➔ Qual foi a reação de Obax diante do ocorrido?
- ➔ O que havia acontecido no dia seguinte?
- ➔ Vocês sabem o que é um Baobá?
- ➔ O que ocorreu quando Obax chegou perto do florido Baobá?
- ➔ Teve ou não chuva de flores? Essas flores vinham do céu? Como foi possível acontecer a chuva de flores tão desejada por Obax?
- ➔ Alguém mais caçou de Obax por suas histórias de aventuras?
- ➔ Onde está Obas no final da história?

- ➔ E Nafisa, o que acontece com ele?
- ➔ Qual o nome da árvore que nasce onde a pedra foi enterrada? Vocês conhecem? Já ouviram falar?

### Representação dos personagens principais:

- ➔ Confeção dialogada de dobraduras dos personagens Obax e Nafisa:
- ➔ Reconto interativo em pequenos grupos;
- ➔ Após interação, usar os personagens para representar um trecho da história com desenhos, pedindo que colem em folha sulfite (grande) e complete com desenhos.

Cena 3

Vivenciando a história: A magia do baobá

**Ações:** confecção com papéis diversos de um baobá e releitura da história com os alunos.

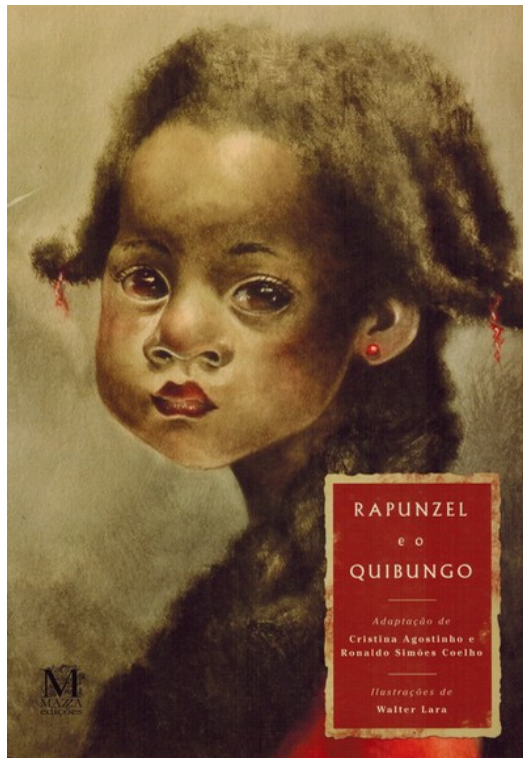
- ➔ O que aconteceu onde Obax enterrou a pedra?
- ➔ Vocês já ouviram falar nessa árvore?
- ➔ Trazer aos alunos imagens e informações sobre o baobá;
- ➔ Confeccionar coletivamente um baobá usando papéis diversos;
- ➔ Afixar o baobá em um espaço da sala, deixando as flores penduradas e "usar a sombra do baobá" confeccionado na sala, para retomar a história, lendo-a novamente, com os alunos;
- ➔ Levantar alguns problemas para observar a percepção dos alunos na relação com o texto lido: O que aconteceu com a pedra que Obax enterrou? E o que aconteceu com o elefante? Na opinião de vocês, Obax inventou essa história ou ela é verdadeira? No final da história, onde está Bintou? Qual é a sua sensação nessa cena final? Entabular um diálogo com as crianças a partir dessas perguntas.

## Recursos

- ➔ Obra *Obax* de André Neves
- ➔ Dobraduras dos personagens: papel de presente com estampa colorida, papel camurça marrom e cinza;
- ➔ Baobá: camurça cinza, papel sulfite, tesoura, cola branca, fita adesiva grande, tinta guache, cola gliter, lápis de cor;
- ➔ Representação de trechos da história: papel sulfite (grande), lápis de cor.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA - Rapunzel e o Quibungo

Rapunzel e o Quibungo - Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho (2012)



### Objetivos

- ➔ Ler e apreciar a obra literária com as crianças;
- ➔ Despertar o interesse pela leitura, vislumbrando a obra literária em seu sentido estético;
- ➔ Propor a mediação dialógica e problematizada entre obra literária e leitor;
- ➔ Perceber os sentidos construídos e problemas suscitados sobre o discurso étnico-racial mediante apreciação estética literária;
- ➔ Problematizar o estereótipo de princesas e príncipes de inspiração europeia;

- ➔ Interagir com protagonistas negros.

Estimativa: 5 cenas – 10 aulas de 45 minutos

### Cena 1 O conto clássico: Quem é Rapunzel?

Ações: Leitura do conto clássico Rapunzel.

- ➔ Questionar às crianças quem conhece a história de Rapunzel?
- ➔ Escolher uma história da Rapunzel para contar para as crianças. Evitar as versões reduzidas e comerciais da história;
- ➔ Contar a história organizando uma roda, mas sem apresentação das ilustrações;
- ➔ Oportunizar as crianças a falar sobre a história: levantar opiniões e sensações;
- ➔ Instigar reconto pelas próprias crianças levantando questões que direcionam a sequência de acontecimentos do enredo: qual o sonho dos pais de Rapunzel? Como o pai de Rapunzel conseguia fazer para saciar o desejo de sua mulher grávida? O que a feiticeira fez assim que Rapunzel nasceu? ...
- ➔ Organizar a sala em pequenos grupos para que as crianças possam representar com desenhos a sequência dos acontecimentos da história, percebendo os personagens e a relação entre eles. Depois montar um mural na sala para reconto.

### Cena 2 A narrativa: Rapunzel e o Quibungo

Ações: Leitura do conto Rapunzel e o Quibungo

- ➔ Apresentar às crianças outra história Rapunzel e o Quibungo escrevendo o título na lousa para leitura coletiva;
- ➔ Questionar: Vocês já conhecem Rapunzel? E o Quibungo, o que é? Alguém já ouviu falar? Já viu? Conhece?
- ➔ Contar resumidamente a lenda do Quibungo;
- ➔ Leitura expressiva da história para as crianças sem apresentação da ilustrações;
- ➔ Momento de exposição de ideias, opiniões, impressões e sensações das crianças em relação a história lida;
- ➔ Breve reconto oral coletivo;
- ➔ Propor que representem com desenhos a parte que mais gostou e depois socializem com os outros colegas e professora; Antes perguntá-los como imaginam que sejam Rapunzel e o Quibungo.

### Cena 3 A ilustração: Quem são Rapunzel e o Quibungo?

Ação: Contar novamente a história apresentando as ilustrações, iniciando pela apreciação da imagem que figura na capa.

- ➔ Exploração da capa, atentando para a ilustração da menina: quem personagem é apresentado na capa? Como está vestida? Como é o seu cabelo? Usa algum enfeite? O que o seu olhar lhe transmite? Como são seus lábios? E seu nariz? E a cor de sua pele? Quem pode ser esse personagem da história?
- ➔ Leitura expressiva do livro com apresentação das ilustrações página por página;

- ➔ Comparação entre enredos e personagens das histórias trabalhadas: Como as histórias começam; Quem são os personagens de cada história? Quem captura Rapunzel na primeira história contada? E na segunda? Como Rapunzel é capturada em cada uma delas? Onde Rapunzel fica presa? Quem é o malvado das histórias? Como o príncipe descobre que Rapunzel está presa? Qual é o plano de Rapunzel e do príncipe para se livrar dos malvados? Como a bruxa descobre que o príncipe visitou Rapunzel? E o Quibungo, como ele descobre? O que acontece com o príncipe e com Rapunzel depois que os malvados descobrem seus planos? Qual é o fim da bruxa? E do Quibungo? E dos príncipes e Rapunzel?
- ➔ Representação com massinha de modelar os personagens da história.

#### Cena 4

#### Interação com os protagonistas

Ações: Construção de cenários e dedoches para dramatização da história

- ➔ Organizar a turma em pequenos grupos para construir uma torre de bambu (com placa de isopor, tinta guache e palitos de picolé) e os dedoches dos personagens para que as crianças possam dramatizar partes da história; Deixar as crianças usarem a criatividade para enfeitar a torre de bambu;
- ➔ Chamar duplas para representar uma parte que lhe chamou atenção;



- ➔ Depois, permitir que as crianças interajam livremente com os personagens e o cenário construído possibilitando o reconto espontâneo. Se possível utilizar o pátio da escola ou outro espaço externo.

### Recursos

- ➔ Obras: Rapunzel, conto clássico dos Irmãos Grimm e Rapunzel e o Quibungo (2012) de Cristina Agostinho e Ronaldo Simões; Fita durex grande; Lápis de cor, massa de modelar; papel sulfite A4; placas de isopor, palitos de picolé; eva; canetinhas; giz; lousa; cola; tinta guache; lápis;
- ➔ Dedoche: e.v.a marrom, verde, vermelho, cola de silicone, lã crespa (onda), canetinha;
- ➔ Torre de bambu: placas de isopor, palitos de picolé, cola branca, tinta guache.

**PROTAGONISMO NEGRO NA  
LITERATURA INFANTIL  
LEVANTAMENTO DE OBRAS**

*Quadro 1: Livros Adquiridos da Literatura Infantil Brasileira Editadas no Período Pós-Lei 10.639/2003*

<b>Título</b>	<i>O Colecionador de Pedras</i>
<b>Autoria</b>	Prisca Agustoni
<b>Ano</b>	2007
<b>Ilustrações</b>	André Neves
<b>Editora</b>	Paulinas
<b>Síntese</b>	Ambaye é um menino pobre que desde cedo aprendeu a arte da escuta e da paciência. Ele é encantado com variadas formas de pedras. Certo dia encontra por em suas andanças a triste menina Noêmia e com sua sensibilidade faz tudo o que pode para alegrá-la. Ambaye constrói uma bela amizade com Noêmia e ensina-lhe que a felicidade está nas coisas simples da vida.
<b>Título</b>	<i>Valentina</i>
<b>Autoria</b>	Márcio Vassallo
<b>Ano</b>	2007
<b>Ilustração</b>	Suppa
<b>Editora</b>	Global
<b>Síntese</b>	É um conto atual narrado pela perspectiva da protagonista Valentina. Conta a história de Valentina, que não é uma princesa com título de nobreza, mas uma menina educada pelos pais como uma princesa. seu “castelo”, que fica no alto de um morro no Rio de Janeiro é onde ela fantasia e se mantém longe dos problemas sociais que afligem a favela. Como pensa ser uma princesa, não entende por que seus pais precisam sair todo dia para trabalhar. Certo dia, ao sair de seu castelo para conhecer “lá embaixo”, ela percebe a diferença da realidade de seu reino fantasiado, assim como percebe como as outras meninas de sua idade possuem uma forma padrão de pensar e vestir, além de desejarem de ser uma princesa. Para ela nada disso faz sentido, porque ela já é uma princesa.
<b>Título</b>	<i>O Menino Nito</i>
<b>Autoria</b>	<i>Sonia Rosa</i>
<b>Ano</b>	2008
<b>Editora</b>	Pallas
<b>Ilustrações</b>	Victor :Tavares
<b>Título</b>	<i>O Menino Parafuso</i>
<b>Autoria</b>	Olívia de Mello Franco
<b>Ano</b>	2008
<b>Ilustração</b>	Angelo Abu
<b>Editora</b>	Autêntica
<b>Síntese</b>	Conta a história de um menino que sai pulando pelos quintais, pegando saias do varal e se enfeitando para a festa tipicamente sergipana, chamada folguedo parafuso. Ele veste várias saias, umas sobre as outras, pinta o rosto de branco e coloca um chapéu de funil na cabeça, para dançar rodopiando.
<b>Título</b>	<i>Betina</i>
<b>Autoria</b>	Nilma Lino Gomes
<b>Ano</b>	2009
<b>Ilustrações</b>	Denise Nascimento

<b>Editora</b>	Mazza
<b>Síntese</b>	Conta a história de Betina que desde pequena tem os seus cabelos trançados pela sua avó e se sente muito bonita com eles, chamando atenção da maioria das pessoas por onde passa. Antes de ir encontrar seus antepassados, sua avó ensina à menina as variadas formas de trançar os cabelos e diz a ela para fazer as pessoas se sentirem mais bonitas. Betina acaba abrindo um salão de cabeleireiros e ganhando fama com seus penteados trançados.
<b>Título</b>	<i>O Casamento da Princesa</i>
<b>Autoria</b>	Celso Sisto
<b>Ano</b>	2009
<b>Ilustração</b>	Simone Matias
<b>Editora</b>	Prumo
<b>Síntese</b>	Adaptação de um conto africano que apresenta a história da bela princesa africana Abena. Abena é disputada por dois pretendentes poderosos: a chuva e o fogo, os quais terão de enfrentar um desafio para conseguir a mão da bela princesa em casamento.
<b>Título</b>	<i>Bruna e a Galinha D'Angola</i>
<b>Autoria</b>	Gercilga de Almeida
<b>Ano</b>	2011
<b>Ilustrações</b>	Valéria Saraiva
<b>Editora</b>	Pallas
<b>Síntese</b>	Conta a história de Bruna, uma menina que se sente sozinha e quando está triste ia para a casa de sua avó que veio da África. Lá sua avó conta-lhe as lendas africanas. Uma delas é a lenda da galinha d'Angola. Bruna sonhou com a Galinha d'Angola e pediu seu tio oleiro para ensinar-lhe a fazê-la com barro, e assim a menina não se sentiu mais sozinha, pois podia brincar com a galinha. Mas, no dia de seu aniversário, Bruna vai à casa da avó e ganha uma surpresa: uma galinha d'angola. Agora ela tinha companhia para brincar e até as crianças que não queriam brincar com Bruna começam a se aproximar. Certo dia, a galinha, nomeada de Coquém, cisca o terreiro e revela um baú enterrado que pertencia à avó. O baú está cheio de panôs pintados à mão, cujas imagens trazem histórias dos povos africanos. Bruna e suas amigas ficam muito conhecidas, pois todos agora se juntam na casa da avó de Bruna para saber sobre a história do panô, e assim sua avó decide ensinar as meninas a pintar os panôs africanos.
<b>Título</b>	<i>Joãozinho e Maria</i>
<b>Autoria</b>	Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho
<b>Ano</b>	2013
<b>Ilustrações</b>	Walter Lara
<b>Editora</b>	Mazza
<b>Síntese</b>	Joãozinho e Maria tinha uma madrasta má que queria se livrar deles, então sempre inventava algo para que eles se perdessem na mata e nunca mais voltassem para casa. Certo dia ela pediu para que eles fossem buscar jabuticaba em um lugar bem longe de casa, Joãozinho foi jogando grãos de milho pelo caminho marcando-o para que ajudasse a voltar para casa, mas na hora do retorno descobriram que os passarinhos os haviam comido. Eles ficaram perdidos na mata, com fome e frio, até encontrarem uma casa feita de doces, onde morava uma bruxa, que os capturou. Ela queria fazer um assado de Joãozinho, e com muita dificuldade os irmãos conseguem se livrar dela, desfazer todo feitiço e reencontrar seu pai.
<b>Título</b>	<i>Naninquá, Moça Bonita</i>
<b>Autoria</b>	Rogério Andrade de Barbosa

<b>Ano</b>	2013
<b>Ilustrações</b>	Ciça Fittipaldi
<b>Editora</b>	DCL
<b>Síntese</b>	História inspirada nos contos de tradição oral de Guiné-Bissau. A mãe conta ao filho a história de um regulo que ofereceu a mão de sua bonita filha em casamento ao rapaz que descobrisse o seu nome. Apareceram rapazes de todo lugar e com presentes diversos, mas o que realmente interessava ao pai da moça era que soubessem o nome da filha. Ao saber do desafio do rei, uma serpente com poderes sobrenaturais resolve se transformar em uma velha corcunda recoberta com conchas e limo e se sentar numa pedra na beira da estrada, e aquele que passasse por ali para ajudá-la a coçar as costas saberia o nome da moça. Muitos passaram por lá, mas apenas Sampa, acompanhado por seu cachorro, parou para ajudá-la e coçou suas costas até machucar as mãos. Assim, a serpente com seu poderes sobrenaturais disse ao rapaz que seu cachorro descobriria o nome da moça. Ao chegar no momento de falar com o pai da moça, Sampa lhe fala o nome que descobrira. O regulo surpreso permite que Sampa pegue o tesouro que está em cima do coqueiro e oferece ela, cujo nome é Naninquíá. Naninquíá vendo as mãos de Sampa machucadas e enfaixadas não quer se casar com o rapaz, então, ele lhe conta toda história da velha corcunda e a leva até ela para certificar o ocorrido. Chegando lá, a história é confirmada e suas mãos curadas pelos poderes sobrenaturais da corcunda. O que eles não sabem é que ao virarem as costas a velha se transforma em uma serpente. Naninquíá e Sampa se casam.

As obras de autores estrangeiros elencadas também apontam para a valorização do negro. Ainda é possível perceber a questão racial abordada pode ser melhorada nas produções literárias para o público infantil, mas no geral, elas já apresentam avanços na simbolização da realidade que valorize o negro, sua história, sua estética e sua cultura, como será possível observar no quadro a seguir:

*Quadro 2: Alguns livros da Literatura Infantil de autores Estrangeiros Pós-Lei 10.639/2003*

<b>Título</b>	<i>Chuva de Manga</i>
<b>Autoria</b>	James Rumford
<b>Ano</b>	2005
<b>Ilustrações</b>	James Rumford
<b>Tradução</b>	Escrito primeiramente em português pelo autor
<b>Editora</b>	Brinque-Book
<b>Síntese</b>	Conta a história de Tomás, um menino que vive no Chade, terra de tempo seco e quente. Há muito tempo não chove por lá, mas de repente começa a pingar, as pessoas voltam-se para o céu e saboreiam a chuva tão esperada, assim com as mangueiras que por ali estão. A chuva passa e Tomás tem uma ideia e começa a juntar alguns objetos pela aldeia. Cata aqui, cata acolá e os meses passam. O menino pega todos os objetos que juntou e pede ajuda ao pai para montar algo, que ninguém sabe o que é. No dia seguinte, para onde quer que olhem, lá estão mangas maduras que lembram o sabor daquela chuva refrescante. Tomás brinca pela aldeia livre e feliz com seu novo carrinho feito com os objetos juntados e a ajuda do pai.
<b>Título</b>	<i>O Chamado de Sosu</i>
<b>Autoria</b>	Mechack Asare
<b>Ano</b>	2005

<b>Tradução</b>	Maria Dolores Prades
<b>Ilustrações</b>	Mechack Asare
<b>Editora</b>	Cantos do Mundo
<b>Síntese</b>	Conta a história de Sosu, um menino que vive com sua família em uma aldeia africana localizada próximo ao mar. Sosu nasceu com um problema nas pernas, por isso ele não conseguia andar e só vê o mundo que se passa no interior de sua casa. Ele quer passear lá fora e questiona, para que serve um menino sem pernas saudáveis. Certo dia, quando todos estão fora, um grande vendaval abate a aldeia e mesmo com suas dificuldades físicas conseguiu pegar e tocar os tantas e chamar com o barulho todos de volta para casa. Todos comemoraram a atitude de Sosu e ele ganhar uma cadeira de rodas que o possibilita ir à escola.
<b>Título</b>	<i>A Princesa e a Ervilha</i>
<b>Autoria</b>	Rachek Isadora
<b>Ano</b>	2007/ Edição Brasileira - 2011
<b>Tradução</b>	Thaísa Burani
<b>Ilustrações</b>	Rachel Isadora
<b>Editora</b>	Farol Literário
<b>Síntese</b>	Um príncipe viaja pelo mundo à procura de uma princesa perfeita para se casar. Em cada moça que encontra acha algo que não parece ser de uma princesa de verdade, então resolve voltar para casa. Depois de uma grande tempestade, uma princesa toda molhada pela chuva, bate na porta do príncipe. Para descobrir se ela era uma princesa de verdade é colocado um grão de ervilha debaixo de vinte colchões para ela dormir. A princesa dormiu sobre os colchões, mas não passa a noite muito bem e amanhece com marcas no corpo. Assim, todos ficam sabendo que ela é uma verdadeira princesa, pois apenas uma princesa poderia ser tão sensível assim.
<b>Título</b>	<i>Princesa Arabela, Mimada Que Só Ela</i>
<b>Autoria</b>	Mylo Freeman
<b>Ano</b>	2008
<b>Tradução</b>	Ruth Sales
<b>Ilustrações</b>	Mylo Freeman
<b>Síntese</b>	Arabela era uma princesinha que morava em um castelo com seus pais. Seu aniversário estava próximo, mas os pais de Arabela não sabiam com o que presentear-lá pois ela já tinha de tudo. Então um dia, a pequena princesa diz que quer ganhar de presente um elefante. Espantados, mas querendo agradá-la, os pais de Arabela ordenam aos servos que vá buscar um elefante para dar de presente à filha. No dia de seu aniversário ela ganha o elefante e muito feliz quer brincar com ele, porém o elefante está triste, querendo voltar para casa. Diante das lágrimas do elefante, Arabela resolve levá-lo para casa, mas quando chega lá uma surpresa a espera: o elefante a tinha levado de presente para o seu filhotinho, que sempre quis uma princesinha de presente de aniversário.
<b>Título</b>	<i>O Príncipe Medroso e Outros Contos Africanos</i>
<b>Autoria</b>	Anna Soler-Pont
<b>Ano</b>	2009
<b>Tradução</b>	Luis Reyes Gil
<b>Ilustrações</b>	Pilar Millán
<b>Síntese</b>	Coletânea de contos, fábulas e mitos da natureza africanos.
<b>Considerações críticas</b>	Conhecer a cultura africana
<b>Título</b>	<i>Por Que Você Não Me Aceita Assim?</i>

<b>Autoria</b>	Helme Heine
<b>Ano</b>	2013
<b>Tradução</b>	José Feres Sabino
<b>Ilustrações</b>	Helme Heine
<b>Editora</b>	Iluminuras
<b>Síntese</b>	Narra os conflitos sociais de uma ovelha negra.
<b>Título</b>	<i>Esperando a Chuva</i>
<b>Autoria</b>	Véronique Vernet
<b>Ano</b>	2014
<b>Tradução</b>	Renato Pedrosa
<b>Ilustrações</b>	Iluminuras
<b>Editora</b>	Pulo do Gato
<b>Síntese</b>	Conta a história de uma menina que vive em uma cidade africana e não quer sair de casa enquanto não cair a tão esperada chuva. A rotina na cidade permanece, mas nada de chuva. Até que um dia o céu azulado dá lugar a nuvens carregadas e a tão esperada chuva chega. A menina corre para casa para ouvir a dança da chuva no telhado.

## Referências

- BELÉM, Valéria. *O cabelo de Lelê*. Ilustrações: Adriana Mendonça. São Paulo: Companhia Editora Educacional, 2007.
- CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- DIOUF, Sylviane. *As tranças de Bintou*. Ilustrações: Shane W. Evans. Tradução: Charles Cosac. São Paulo: Cosac Naif, 2010.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4 ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2008.
- GOMES, Nilma . Lino. *Educação cidadã, cidadania e raça: o trato pedagógico da diversidade*. In: CAVALLEIRO, Eliane. (Org). *Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão*. In: *Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/2003*. Brasília, Ministério da Educação, 2005.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2009.
- NEVES, André. *Obax*. Ilustração: André Neves. São Paulo: Brinque-Book, 2010.
- SILVA, Tomas. Tadeu. da. *Alienígenas na Sala de Aula*. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- \_\_\_\_\_. *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Autêntica, Belo Horizonte, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2a ed., 6a imp., 2000.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura Infantil na escola*. 11 ed. São Paulo, Global, 2003.
- AGOSTINHO, Cristina; COELHO, Ronaldo Simões. *Rapunzel e o Quibungo*. Ilustração: Walter Lara. Belo horizonte: Mazza Edições, 2012.